



PRÁTICAS ARTÍSTICAS CRÍTICAS: A OCUPAÇÃO PRESTES MAIA E A BATATA PRECISA DE VOCÊ

ANDRADE, Felipe Leme de; felipeleme@usp.br; IAU-USP

1 Introdução

A presente pesquisa parte da possibilidade de leitura das exposições na Ocupação Prestes Maia e das ações no Largo da Batata, através das principais discussões de arte-ativismo e práticas coletivas ou participativas. São, portanto, terrenos férteis para se revelar grupos e discursos que atuam na convergência entre arte, política e conflitos urbanos.

Entre as duas experiências, ambas na cidade de São Paulo, podem ser constatadas continuidades e inflexões. O estudo propõe, então, a reconstituir os percursos das ações, tecer críticas, pontuar dissensos e buscar possíveis correspondências entre os dois momentos, no sentido de circunscrever esse conjunto de práticas artísticas.

2 Objetivos

Este trabalho teve por objetivo compreender e destacar relações entre arte, ativismo político e práticas coletivas inseridas em questões e conflitos urbanos. Para isso, foram escolhidas duas experiências: os eventos realizados por coletivos artísticos na Ocupação Prestes Maia e as ações do movimento A Batata Precisa de Você, no Largo da Batata. Desse modo, foram elencadas e analisadas as principais discussões suscitadas por elas em âmbitos artístico e político.

3 Abordagem da pesquisa

Em um primeiro momento, foi de fundamental importância o estudo de experiências internacionais, conceitos e elementos-chave como “arte-ativismo”, “práticas coletivas”, “participação”, “movimentos em rede” e “urbanismo tático” para situar o debate e construir a problemática de pesquisa, tendo como referências as obras de Miwon Kwon, Hal Foster, Naomi Klein e Neil Brenner.

Em seguida, foram levantadas e articuladas discussões bibliográficas no sentido de traçar novos fios de interpretação, revelando grupos e conceitos em disputa nos coletivos na Ocupação Prestes Maia e no Largo da Batata, partindo das pesquisas de André Mesquita, Gavin Adams, Daniel Caldeira, Mariana Fix, Nayara Benatti e Laura Sobral Rodrigues.

4 Resultados e discussões

A primeira parte da pesquisa se debruçou sobre o coletivo A Batata Precisa de Você e, como primeira forma de aproximação, analisou-se a publicação “*Ocupe Largo da Batata - Como fazer ocupações regulares no espaço público*” (SOBRAL RODRIGUES; VICINI; KARPISCHEK, 2015) enquanto instrumento de legitimação e consolidação do coletivo, bem como estratégias de atuação e formulação de sua autoimagem.

Buscou-se compreender, segundo Daniel Caldeira (2015) e Mariana Fix (2004), a formação histórica, social e simbólica do Largo da Batata enquanto centralidade popular no bairro de Pinheiros, seguida da Operação Urbana Faria Lima - que fomentou a lógica de valorização e especulação na região -, e pelo longo processo de reforma e “revitalização” do Largo, entregue em 2013.

A partir da pesquisa de Nayara Benatti (2018), foi possível ler um momento-chave de convergências entre as chamadas “Jornadas de Junho” (2013), a reabertura do Largo da Batata e a atuação de coletivos no espaço público. Assim, foi importante confrontar as dinâmicas dos movimentos “em rede” - formas de ação e organização - as ações empreendidas pelo A Batata Precisa de Você: entre formas de “fazer política” e modos de “fazer cidade”, entre discursos e práticas, entre articulações e desarticulações.

Em outra chave de leitura, esses eventos foram interpretados também como uma retomada dos espaços públicos e da cidade, através da ocupação massiva de ruas e praças. De certo modo, potencializaram iniciativas de coletivos ativistas e culturais já existentes na cidade de São Paulo, como a Praça Roosevelt, o Elevado Presidente João Goulart (“Minhocão”) e o Movimento Baixo Centro. A “X Bienal de Arquitetura de São Paulo” (2013) serviu de documentação e legitimação dessas experiências e reivindicação do “Direito à cidade”, apontando caminhos e referências com o tema “Cidade: modos de fazer, modos de usar”.

Na última parte referente ao Largo da Batata, foram articuladas as diferentes perspectivas e leituras junto às ações empreendidas pelo coletivo A Batata Precisa de Você, desde a chegada do pequeno grupo para a realização de piqueniques e saraus, no início de 2013, à consolidação e respaldo municipal através de editais, em 2014. Na pesquisa de Laura Sobral Rodrigues (2018) - uma das idealizadoras do movimento -, é evidenciada a aposta no urbanismo tático como estratégia de intervenção e atuação no espaço público em conjunto às plataformas e mídias digitais (*Facebook*). Contrapondo-se ao “urbanismo tradicional”, as “ações táticas” são compreendidas como apropriação e transformação do espaço público por meio de atividades coletivas, participativas, graduais, locais e com poucos recursos materiais, visando requalificar áreas degradadas. No plano do discurso, ganharam força os termos: *Open Design*, *Do It Yourself* (DIY), *Bottom-up* e “Gambiarra” - usados por vezes como “slogan”, deslocou-se o sentido de “Direito à cidade”, utilizando-o enquanto sinônimo de “lazer” e “entretenimento” para um grupo específico: os “Batateiros”. Em 2014, na gestão municipal de Fernando Haddad (PT), o edital “Redes e Ruas” selecionou o movimento através de recursos que foram fundamentais para a promoção de eventos, reuniões e oficinas de mobiliário urbano. A partir daí, tomou-se o discurso de “gestão compartilhada” do Largo com o poder público, o que sugere uma série de ambiguidades, podendo ser lidas dentro do panorama de políticas públicas implementadas pelos governos petistas. Ao final da análise das sucessivas ações do coletivo, foi possível entender que, partindo de Neil Brenner (2016), muitas vezes, as “ações táticas” atuam como propostas “paliativas” para remediar problemas urbanos intrínsecos às cidades constituídas sob a racionalidade política-econômica neoliberal - ou reforçam essa

mesma lógica ao potencializar processos de gentrificação. Frente às considerações realizadas ou sugeridas, interpreta-se que houve, através das intervenções do movimento A Batata Precisa de Você, um contínuo processo de privatização (simbólica) do Largo da Batata por um coletivo, favorecendo grupos, interesses e discursos.

Em um segundo momento da pesquisa, na tentativa de recuperar outras experiências nacionais em que convergiram coletivos e ativistas, foram analisados os eventos e exposições realizados na Ocupação Prestes Maia, entre 2003 e 2007, como resposta à questão da luta pelo direito à moradia.

Para isso, fez-se necessário retomar Miwon Kwon (2004), Hal Foster (2017) e Naomi Klein (2004) para traçar uma possível “genealogia” do arte-ativismo, da arte participativa e das práticas coletivas. Kwon se referencia à exposição “*Culture in Action: New Public Art in Chicago*” (1993) enquanto paradigmática para o arte-ativismo norte-americano e “*community-based art*” (arte baseada na comunidade), evidenciando limites e contradições na relação entre artistas, instituições e “público”. Kwon aponta as “*collective artistic praxis*” (práticas artísticas coletivas) como novo horizonte de atuação artística e política. O que foi de encontro ao texto de Naomi Klein (2004), ao descrever esse novo momento - entre os anos 1990 e 2000 - para a ação de coletivos que, segundo a autora, conduzem ou se somam a movimento sociais das mais diferentes causas. Para Klein, “Um tema comum começou a surgir entre essas contraculturas em luta: o direito ao espaço não colonizado - para morar, para as árvores, para se reunir, para dançar” (KLEIN, 2004, p. 340). A exemplo disso, o movimento “*Reclaim the Street (RTS!)*” foi criado em 1995 numa rede híbrida de festas e protestos, composto por diversos grupos e ativismos, que se manifestaram contra a globalização desigual, a lógica neoliberal e as grandes corporações, culminando na criação da primeira “*Global Street Party*” (1998).

A partir desses debates, a pesquisa de André Mesquita (2008) mostrou-se fundamental no sentido que investiga, partindo da conjuntura brasileira nos anos 1990, como essas discussões se desenvolveram no país. Mesquita destaca a atuação de coletivos artísticos na Ocupação Prestes Maia - um dos maiores símbolos de ocupação vertical em São Paulo -, organizada pelo Movimento dos Sem Teto do Centro (MSTC), de 2002 a 2007. A primeira aproximação se deu com o evento “Arte Contemporânea no Movimento Sem-Teto do Centro” (ACMSTC), em 2003, em que a ocupação sofria uma das frequentes (e violentas) ameaças de despejo. A relação entre coletivos e moradores produziu uma enorme diversidade de trabalhos, instalações, intervenções e trocas que foram expostas por todo o edifício. A coalizão “Integração Sem Posse”, criada em 2005, foi organizada a partir de reuniões, manifestos e um blog contendo uma grande documentação de fotos e textos. A última intervenção do período em estudo foi a exposição “Território São Paulo”, em 2006, na qual os principais coletivos decidiram expor obras realizadas na ocupação como forma de se posicionar em relação ao convite proposto pela “IX Bienal de Havana”. Após o evento, os coletivos se dispersaram, muitos não voltaram à ocupação e, em 2007, as famílias foram removidas e o edifício foi esvaziado, sendo reocupado somente em 2010. Gavin Adams (2006) interpretou as aproximações dos coletivos, apontando que, por meio da cultura e criação poética, contribuíram na luta contra a invisibilidade política e criminalização do movimento. Ressaltou o engajamento dos artistas em momentos decisivos, mas também para um conjunto de ambiguidades, estranhamentos e contradições na dificuldade de manter ou construir práticas mais amplas, cujo problema estaria nas táticas e abordagens da colaboração.

Concluiu-se que nesta pesquisa foi possível compreender os movimentos, as propostas e ações, buscando analisar continuidades e inflexões entre as duas experiências. Destaca-se também a articulação e análise de bibliografias e assuntos, tendo por base pesquisas e discussões já realizadas ou encaminhadas pelo Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas (NEC-IAU.USP).

5 Referências

Largo da Batata

BENATTI, Nayara Araujo. **Redes e ruas - ocupações híbridas na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2018.

BRENNER, Neil. **Seria o “urbanismo tático” uma alternativa ao urbanismo neoliberal?**. E-metropolis, n. 27, ano 7, p. 6-18, 2016.

CALDEIRA, Daniel Ávila. **Largo da Batata: transformações e resistências**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FIX, Mariana. **A ‘fórmula mágica’ da parceria público-privada: operações urbanas em São Paulo**. In: SCHICCHI; BENFATI (Org.). **Urbanismo: dossiê São Paulo - Rio de Janeiro**. Campinas: PUCAMP/PROURB, 2004. p.185-198.

SOBRAL RODRIGUES, Laura; VICINI, Lorena; KARPISCHEK, Tatiana (Eds.). **Ocupe Largo da Batata - Como fazer ocupações no espaço público - A Batata Precisa de Você**. 2015.

SOBRAL RODRIGUES, Laura. **Isso não é um evento uma análise sobre a dinâmica de uso dos espaços públicos contemporâneos: estudo de caso - o Largo da Batata**. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

WISNIK, Guilherme; NOBRE, Ligia; NOBRE, Ana Luiza. **Cidade: modos de fazer, modos de usar**. *Drops*, ano. 14, n. 074.06, São Paulo: Vitruvius, nov. 2013.

Ocupação Prestes Maia

ADAMS, Gavin. **Coletivos de arte e a ocupação Prestes Maia em São Paulo**. 2006. FÓRUM CENTRO VIVO. **Violações dos direitos humanos no centro de São Paulo: propostas e reivindicações para políticas públicas**. Dossiê de denúncia. São Paulo: Fórum Centro Vivo (mimeo), 2006.

FOSTER, Hal. **O retorno do real: A vanguarda no final do século XX**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

KLEIN, Naomi. **Sem Logo: a Tirania das Marcas em um Planeta Vendido**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KWON, Miwon. **One Place After Another: site-specific art and locational identity**. Cambridge: MIT Press, 2004.

MESQUITA, André Luiz. **Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva (1990-2000)**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 2018.